



## A Folia de Santos Reis na comunidade negra de Água Limpa (Goiás)

## Feast of Three Kings in the black community of Água Limpa (Goiás)

*Rosinalda Correa da Silva Simoni*

Professora Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC- Goiás).  
Doutoranda em Ciências da Religião pela PUC-Goiás.  
Bolsista CAPES.

*Irene Dias de Oliveira*

Professora Doutora em Teologia pela Facoltà Teológica dell'Italia Meridionale (Itália).  
Pós Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
Professora do Programa em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

### **Resumo:**

Este artigo tem como objetivo apresentar a festa da Folia de Reis que acontece há mais de um século na comunidade rural negra de Água Limpa (GO). Essa comunidade encontra na religiosidade o elemento agregador, o sentido de suas vidas e a dimensão de pertença de grupo. Destaca-se o quanto estas manifestações são importantes para a comunidade de Água Limpa, pois, durante os festejos, busca-se reconstruir o espaço simbólico da jornada festiva e entender como os rituais que compõem a Folia de Reis agregam e recompõem a história e a memória identitária de suas raízes afrodescendentes.

**Palavras-chave:** Folia de Reis. Comunidade Negra de Água Limpa. Religião.

### **Abstract:**

This article aims to present the feast of the Folia de Reis (Feast of Three Kings) that has been taking place for more than a century in the black rural community of Água Limpa (GO). This community encounters in religiosity a joining factor, meaning for their lives and the dimension of belonging in the group. We highlight how important these events are for the community of Água Limpa (that means Clean Water) because, during the festivities, they seek to rebuild the symbolic space of the festive journey and understand how the rituals that make up the Feast of Three Kings aggregate and recompose history and identity memory of their African roots.

**Keywords:** Feast of Three Kings. Black Community of Água Limpa. Religion.

## Dos Quilombos à comunidade negra de Água Limpa

O Brasil, até a década de 70, era essencialmente rural. O modo de vida e a percepção de mundo eram, portanto, diferentes do que observamos hoje, principalmente nas áreas mais

urbanizadas. Hoje, a maioria da população brasileira vive em cidades. Boa parte delas encontra-se conectada às áreas metropolitanas que não possuem infraestrutura para acolhê-las devido ao inchaço urbano decorrente do êxodo rural. Este cenário não significou necessariamente bem-estar. E o campo continuou sendo um problema. Nele, a concentração fundiária exclui a possibilidade de fixação da família à terra e acesso aos bens básicos. O tema da terra está diretamente relacionada à questão quilombola no Brasil.

A palavra quilombo é de origem *Umbundu*, tronco linguístico bantu, e se refere a uma espécie de instituição sócio-político-militar, um arraial ou associação de homens, aberta a todos, e, por isso, expressa a idéia e libertação. A existência desses núcleos, também conhecidos como refúgio de fugitivos, estão espalhados por várias partes e regiões do Brasil.<sup>1</sup> Hoje, há registros de quilombos na Amazônia, no Mato Grosso, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Goiás.

Os quilombolas são os descendentes dos africanos trazidos ao Brasil durante o período colonial para trabalho forçado, especialmente para a produção de riqueza com base no modelo *deplantation*, em que alguns elementos como a grande propriedade, a monocultura e a produção de gêneros tropicais destinados ao mercado externo e a extração de minério encontravam-se associados.<sup>2</sup> Nesse sentido podemos entender o quilombo como uma estratégia de reação contra escravidão e um novo modo de territorialização, representando assim, uma ruptura da ordem jurídica, econômica e social na estrutura de poder dos períodos colonial, imperial e contemporâneo.<sup>3</sup> Em outras palavras o quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região que exista a escravidão, lá se encontrava ele como elemento de desgaste do regime servil.<sup>4</sup> Por isso, os quilombos sempre foram reprimidos. A repressão às comunidades quilombolas se fez durante todo o período escravista. Esse processo de protesto radical e permanente contribuiu decisivamente no agravamento da crise do modo de produção escravista e possibilitou a visualização da necessidade de uma nova ordem social, gerando, entre outros desdobramentos, a abolição da escravatura.<sup>5</sup>

Em Goiás este processo não foi diferente. De acordo com Palacín<sup>6</sup>, Goiás nasceu sob o signo do ouro e em relação de subordinação a São Paulo. Neste cenário, a Goiás cabia tão somente fornecer matéria-prima. As primeiras minas foram descobertas em Goiás, por volta de 1726, quando os bandeirantes invadiram as terras dos índios Goyazes para explorar tanto o nativo quanto os recursos minerais.<sup>7</sup> Com a atividade mineradora surgiram os primeiros arraiais nos arredores das

---

<sup>1</sup> LOPES, 1998.

<sup>2</sup> LOPES, 1998.

<sup>3</sup> FERRETTI, 1995.

<sup>4</sup> MOURA, Clóvis. Os quilombos na dinâmica social do Brasil. In: MOURA, Clovis. *Rebeliões na Senzala*. Quilombos, insurreições, guerrilhas. São Paulo, Editora Ciências Humanas, 1981. p. 87. .Neste processo, inúmeros quilombos foram constituídos no século XIX, principalmente nas décadas finais do período escravista, seus habitantes sendo chamados quilombolas; termo que aponta para o remanescente de quilombo (MUNANGA, 2006), classificação marcada na constituição brasileira.

<sup>5</sup> MOURA, 1981.

<sup>6</sup> PALACÍN, Luís. *O Século do Ouro em Goiás*. Goiânia: Editora da UCG, 1994.

<sup>7</sup> PALACÍN, 1994.

minas. Em decorrência surgiram, entre 1727 e 1732, vários povoados no sul de Goiás, como, por exemplo, Anta, Ferreiro, Ouro Fino, Barra, Água Quente, Santa Cruz e Meia Ponte. Entre 1730 e 1740, surgiram outros vilarejos na região norte, Traíras, São José do Alto Tocantins (atual Niquelândia), Cachoeira, Crixás, Natividade, São Félix, Pontal, Arraias, Cavalcante, Papuan (Pilar), Santa Luzia (Luziânia), Carmo e Cocal.

O negro situa-se nesse contexto como elemento central do processo de mineração.

O escravo fâscador, às margens dos rios Vermelho e das Almas, extraía, de sol a sol, o ouro misturado aos seixos de areia. Com bateia de madeira, movimentava a mistura heterogênea de rochas, fazendo acumular os grãos de ouro no fundo, sendo as impurezas extras lavadas pela água, que afluía, aos poucos, na superfície da vasilha. Trabalhava, inclinado e seminu, os pés n'água, o corpo exposto ao calor do sol.<sup>8</sup>

A autora chama a atenção para a principal atividade no século XVIII, a mineração na região do Rio das Almas e Rio Vermelho, região onde se desenvolveram muitos quilombos, entre eles Pombal. Os arraiais auríferos citados tinham uma característica eminentemente urbana<sup>9</sup>, contando, inclusive, com uma classe socialmente destacada, a dos mineiros. Sendo assim, simultaneamente, a lógica explícita da interiorização violenta apontava para a formação de uma elite, baseada em um pequeno número de colonos, os quais tiveram acesso aos poucos cativos, como dito, produtores da riqueza. Desta forma, com a distribuição desigual tanto das terras como dos trabalhadores, a riqueza concentrou-se nas mãos de poucas e poderosas famílias.<sup>10</sup> Segundo Monteiro<sup>11</sup>, a mesma produção de riqueza gerou o surgimento de uma maioria ligada à pobreza rural.

Neste cenário, o censo de 1779 aponta para a ideia que a pobreza rural era formada majoritariamente por negros, que constituíam entre 45% e 80% da população. Nas cidades mineradoras, tais como Crixás, Pilar, Arraias, 70% ou mais da população eram identificadas como “pretos”.<sup>12</sup>

---

<sup>8</sup> BAIOCCHI, Mary Nazaré. *Kalunga – o povo da terra*. Brasília: Ministério da Justiça/Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1983. p. 18.

<sup>9</sup> PALACÍN, 1994.

<sup>10</sup> REZENDE, T.F. *Discurso e identidade etno-cultural na comunidade de Pombal – GO*. Mestrado em Letras. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

<sup>11</sup> MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra – índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

<sup>12</sup> KARASH, Mary. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: REIS, João José e GOMES, Flavio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 241-242.

Os dados da Tabela 1 apresentam a população da Capitânia de Goiás em 1779.

| Julgados       | Total | Branços | Pardos | Pretos | % Pretos |
|----------------|-------|---------|--------|--------|----------|
| Vila Boa       | 6954  | 1460    | 1003   | 4491   | 64,6     |
| Anta           | 2668  | 602     | 689    | 1377   | 51,6     |
| Meia Ponte     | 7885  | 1809    | 1581   | 4495   | 57,0     |
| Santa Luzia    | 3384  | 490     | 717    | 2177   | 64,3%    |
| Santa Cruz     | 1534  | 562     | 268    | 704    | 45,9     |
| Crixá          | 2814  | 219     | 348    | 2247   | 79,9     |
| Pilar          | 5156  | 576     | 930    | 3650   | 70,8     |
| Trahiras       | 5253  | 679     | 1398   | 3176   | 60,5     |
| Tocantins      | 4303  | 276     | 985    | 3042   | 70,7     |
| São Felix      | 3750  | 387     | 682    | 2681   | 71,5     |
| Cavalcante     | 1284  | 142     | 168    | 974    | 75,9     |
| Natividade     | 3191  | 555     | 656    | 1980   | 62,1     |
| Carmo          | 1171  | 84      | 202    | 885    | 75,6     |
| Arrayas        | 1082  | 156     | 164    | 762    | 70,4     |
| Barra da Palma | 1486  | 530     | 240    | 716    | 48,2     |
| São Domingos   | 618   | 118     | 219    | 281    | 45,5     |
| Pontal         | 890   | 87      | 150    | 653    | 73,4     |
| PR de Cima     | 1066  | 198     | 283    | 585    | 54,9     |

Fonte: IHGB<sup>13</sup>

Esses negros famintos e maltratados viam na fuga uma forma de sobreviver e encontravam na capitania dos Goyazes as condições que favoreciam não apenas a fuga, mas a possibilidade de não serem encontrados. Para Martiniano<sup>14</sup> a capitania de Goiás foi um local ideal para a formação de quilombos, pois estava afastada dos grandes centros administrativos portugueses e distantes das forças coloniais militares responsáveis pela destruição destes quilombos.

A capital Vila Boa, atual Cidade de Goiás, ficava distante de Salvador ou do Rio de Janeiro. Os oficiais e soldados portugueses enviados para guarnecer Vila Boa e os registros de ouro eram poucos para aquela capitania. Conforme revela a correspondência oficial, a maioria dos governadores estava mais preocupada com as guerras indígenas e o contrabando do ouro do que com os quilombos. Uma segunda vantagem desses quilombos, no século XVIII, era o fato de a capitania possuir uma população esparsa. Reconhece-se que as revoltas escravas de quilombos

<sup>13</sup> Arq. 1.2.7 Estatística "Ofício de Luiz da Cunha Menezes e Martinho de Melo e Castro, 1986, remetendo o mapa da População da capitania de Goiás, com distinção de classes". Vila Boa, 8 de julho de 1780, f. 246.

<sup>14</sup> MARTINIANO, José da Silva. *Quilombos do Brasil central: séculos XVIII e XIX (1719 – 1888): introdução ao estudo da escravidão*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção de Grau de Mestre, 1998.

ocorreram quando estes superaram numericamente os senhores. Isto acontecia sobretudo nas cidades mineradoras, tais como Crixás, Pilar, Tocantins e Arraias, onde 70% ou mais da população era de cor preta. O último fator que favorecia a formação dos quilombos era o tipo de terreno dos Estados de Goiás e Tocantins. A capitania possuía ecossistemas que protegiam escravos fugidos. A fuga em canoa ou jangada era facilitada por três grandes rios: o Araguaia, a oeste; o Tocantins, a leste; e o Paranaíba ao sul. Assim Goiás abriga hoje inúmeros quilombos e dentre eles o mais numeroso é o dos Kalungas, localizado na Chapada dos Veadeiros. Além destes pode-se citar os quilombos de Pombal, de Porto Leocádio, de Muquém, de Água Fria, de Água Limpa e muitos outros.<sup>15</sup>

Atualmente quilombo significa, para esta parcela da sociedade brasileira, a possibilidade de reterritorialização e uma forma de reelaborar o passado e, conseqüentemente, o presente. Inaugura-se, então, uma espécie de demanda na política nacional, que resultou em parte do texto da Constituição de 1988.<sup>16</sup> Desta forma, para o quilombola a terra é mais do que o próprio sustento, mais do que a manutenção de uma família, ela significa a vida de um sistema cultural, a manutenção de uma etnia, de todo um emaranhado de símbolos e valores culturais e a possibilidade de se tornar uma pessoa independente.

Dentro deste contexto a comunidade, aqui retratada, é a comunidade negra de Água Limpa, localizada a aproximadamente 70 km da Cidade de Goiás, antiga capital do estado de Goiás. Atualmente vivem cerca de 40 famílias com algum grau de parentesco. Essa comunidade foi reconhecida como quilombola em 2005, pela Secretaria de Governo e Assuntos Institucionais e Superintendência Estadual de Promoção da Igualdade Racial (SUPPIR) do Estado de Goiás.<sup>17</sup> A comunidade se divide entre os que se identificam como quilombolas e os que não se identificam como tais, pois acreditam que esse título os desqualifica, como seres humanos resquícios do período da escravidão. Mas os que se identificam estão se organizando para pleitear o título de terra de pretos, através da Fundação Palmares, título que é direcionado a comunidades tradicionais de origem étnica negra.

A comunidade Água Limpa, objeto deste ensaio, guarda características específicas que a diferenciam das outras supra citadas por seu processo de ocupação, por sua relação com a terra e sua religiosidade. É sobre a sua religiosidade que nos debruçaremos a seguir dando maior ênfase à Folia de Santos Reis.

### **Tecendo as memórias de Água Limpa**

Existem poucos documentos sobre a estrutura interna ou economia dos quilombos como comunidades negras autônomas de Goiás. Na sua maioria, os quilombolas do século XVIII eram

---

<sup>15</sup> MARTINIANO, 1998.

<sup>16</sup> ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os Quilombos e as Novas Etnias. In: O'DWEYR, Eliane Cantarino (Org). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

<sup>17</sup> FERREIRA, Antonio Leite. *Giros e pousos, moradores e foliões [manuscrito]: identidade territorial e mobilidade espacial na folia de reis da "comunidade negra rural" de Água Limpa, Faina, Goiás*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Goiás em Abril de 2008.

escravos garimpeiros em fuga que continuaram a praticar seus ofícios escondidos em montanhas remotas. Os quilombolas contribuíram para a descoberta e a exploração da riqueza mineral da capitania de Goiás. Também viviam da caça, da pesca e do cultivo de roças, além de cuidar de gado e produzir carne seca.

A comunidade de Agua Limpa está situada no Sudeste do município de Faina, próximo à fronteira municipal da Cidade de Goiás, é banhada pelo Ribeirão Água Limpa<sup>18</sup>, da qual herdou o nome. O acesso é pela GO-070. Segundo Ferreira a cultura desta comunidade é baseada na tradição oral; sua história está registrada na memória dos mais velhos que ali residem e, de alguns jovens que buscam compreender não apenas o processo de surgimento da comunidade mas a tradição que ainda os une em torno daquele território, que hoje não chega a um terço dos 100 hectares de quase dois séculos atrás. Por memória entende-se não apenas um ato de lembrar, de relembrar ou de guardar algo que vimos ou aprendemos. “A memória é mais que isso: ela é influenciada pela nossa história, nossa cultura, nossa identidade, pelas percepções do grupo ao qual pertencemos e pelas pessoas com as quais convivemos”.<sup>19</sup> A memória, tanto a individual - entendida como um conjunto de lembranças de um indivíduo que podem ter sido vivenciadas em grupo ou não- quanto a coletiva—entendida como a memória de um grupo passada de uma geração para outro e compartilhada por um grupo seja ele familiar, religioso, étnico, classe social ou nação<sup>20</sup>, estão ligadas aos saberes e fazeres singulares e particulares dos indivíduos e dos grupos.<sup>21</sup> Essas memórias são responsáveis pela tessitura da colcha de retalhos que compõe a história e a paisagem dos lugares. As memórias são compostas também por narrativas que, mesmo fragmentadas, possuem uma grande importância para a identificação de algumas dimensões da experiência histórico-social dos quilombos e comunidades negras em Goiás, pois ajudam a compreender as formas de economia, as práticas culturais, organizações sociais, alforrias e resistência desses grupos.<sup>22</sup> As dimensões históricas ganham complexidade e relevância maior quando são entrelaçadas com as narrativas do presente, quando são colocadas em diálogo com o conjunto das recordações, das experiências vividas ou mitificadas pelos agentes históricos desses grupos.

No caso da comunidade Água Limpa, não há uma memória comum sobre o mito fundante, mas duas; pois ao serem indagados sobre quando chegaram à localidade, são narradas duas versões. A primeira foi cedida em entrevista<sup>23</sup>, em 1986 pela senhora mais velha da comunidade. Segundo ela

Durante a ocupação dos sertões goianos vieram da região conhecida hoje como Feira de

---

<sup>18</sup> Existem dois trabalhos de pesquisa sobre essa comunidade: uma monografia defendida no curso de História em 2001 na Universidade Estadual de Goiás, por três estudantes, S. Neto, Arrais e Camargo sob o título de *A formação da Comunidade Água Limpa tem seu início no século XIX*, e uma dissertação de mestrado defendida em 2008 na Universidade Federal de Goiás por A. Ferreira Leite, sob o título *Giros e pousos, moradores e foliões, identidade territorial e mobilidade espacial na folia de reis da 'comunidade negra rural de Água Limpa, Faina, Goiás*.

<sup>19</sup> CHAUI, Marilena. *Cidadania Cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. p.114.

<sup>20</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993.

<sup>21</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

<sup>22</sup> CHAUI, 2006, p. 114.

<sup>23</sup> Entrevista concedida em 1986 a Rosinalda Correa Silva Simoni por sua bisavó Benedita Correa da Silva nascida em 1891 e falecida em 1998 aos 107 anos.

Santana, um fazendeiro por nome Francisco de Deus Guerra e seis cativos, dentre eles dois irmãos de origem Nagô que atendiam pelo nome de Cedott e Anjue uma mulher negra de cozinha conhecida como Messias, ela estava grávida. Foi doada a esse fazendeiro uma sesmária na beira de cômrego de águas limpas e frias, nome dado a fazenda pelo fazendeiro. Os cativos eram bem tratados pelo fazendeiro a quem chamavam de sinhozinho. Ele não teve filhos e antes de morrer doou a sesmária a seus cativos. Outros cativos foram chegando na região e ali faziam morada. Um dos irmãos se casou com uma índia, não se sabe a etnia já que para eles todos os índios eram chamados de Tapuios. Eles casaram e tiveram filhos e netos. A negra Messias deu a luz a uma menina chamada Benedita Correa da Silva.

Através da narrativa da senhora Benedita que dentre outras funções era parteira, benzedeira e devota de Santos Reis, podemos perceber que o grupo reside ali há mais de um século. A identidade histórica desse grupo se relaciona com o espaço, com o sagrado e com as memórias da comunidade em relação à sua atuação. Dona Benedita era reconhecida e lembrada por suas benzeções e devoção aos Santos Reis. A partir destas memórias a comunidade negra de Água Limpa vem ressignificando, até os dias de hoje, saberes e fazeres do período colonial.<sup>24</sup>

A outra versão, descrita por Ferreira<sup>25</sup>, afirma que os primeiros moradores de Água Limpa vieram das minas de Crixás, hoje Cidade de Crixás, situada ao sul da cidade de Goiás e a 121 km da comunidade onde eram escravizados. Eles teriam vindo para essa região no final da escravidão e fundado a atual comunidade. A partir dessas duas narrativas é possível perceber que existe uma memória sobre como e quando esta comunidade chegou a Água Limpa o que legitima a reivindicação de comunidade quilombola.

Essa memória histórica é vivenciada durante os festejos em homenagem aos três Reis Magos durante o 'giro', nome dado ao percurso percorrido pelos foliões durante a busca dos três Reis Magos pelo menino Jesus, por um período de treze dias. Há quatro gerações a mesma família (os Corrêa da Silva, que se juntaram com os Pinto Barroso, os Corrêa dos Santos, e outros agregados) falam a mesma língua, carregam a mesma fé, e reforçam suas relações com o grupo e com o espaço. Esse festejo que tanto agrega esse grupo é o tema do próximo tópico.

### **A folia, a bandeira e a tradição**

No Brasil a folia é um ritual religioso de grupos de vilarejos precatórios.<sup>26</sup> Formada por grupos de artistas devotos que, em nome de uma devoção coletiva, visitam casas, colhem dádivas, distribuem bênçãos, atualizam promessas e anunciam os festejos do santo.<sup>27</sup> Folia de São Sebastião, de Santos Reis e de outros santos de devoção camponesa são tradição popular desde o catolicismo colonial.<sup>28</sup> Esta manifestação está presente em todo o Brasil e assume variações de acordo com a cultura e as regiões. As folias estão presentes tanto na zona rural quanto na urbana. Ao falar de Folia de Reis, Brandão afirma que as mesmas se concentram nos estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo e acontecem na mesma época, entre os meses de dezembro e janeiro, sofrendo variações

<sup>24</sup> Entrevista concedida em 1986, a Rosinalda Correa Silva Simoni, por sua bisavó Benedita Correa da Silva.

<sup>25</sup> FERREIRA, 2008, p. 19.

<sup>26</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e Benção: espiritualidade religiosa no Brasil*. Editora Santuário, 2009.

<sup>27</sup> CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore do Brasil*. Rio de Janeiro, 1962.

<sup>28</sup> BRANDÃO, 2009.

ligadas a promessas e devotos.

No caso da comunidade de Água Limpa os festejos e devoção aos três Reis Magos, chamados por eles de Santos Reis, acontecem entre os dias 26 de dezembro e 6 de janeiro. Segundo as narrativas da Senhora Benedita a primeira vez que a bandeira de Santos Reis percorreu as terras da comunidade ela ainda era criança. A folia saiu para cumprir uma promessa feita pelo seu tio avô, Fidelio Corrêa da Silva que tinha um filho chamado Ingracio Corrêa da Silva que nasceu muito doente e foi curado pelo santo. A folia começou assim a sair em giro todos os anos e a festa acontecia na casa de Dona Benedita, onde todos se encontravam para agradecer e pagar suas promessas. Desde então a popularidade de Santos Reis na comunidade é tão grande quanto a do próprio Menino Jesus. Após a morte de Fidélío Corrêa da Silva, seu filho Ingracio Corrêa da Silva continuou realizando os festejos e durante os quase 80 anos de sua vida não houve um ano em que a folia não saísse.

A folia de reis de Água Limpa tem em seus rituais características que a tornam única, a exemplo das orações. Os benditos são feitos com um misto de latim e português, um latim sertanejo onde as línguas se misturam, e por vezes algumas palavras em banto aparecem, a exemplo da ladainha de Nossa Senhora.<sup>29</sup> Muitos são os símbolos que norteiam os dias de caminhada dos foliões e um deles é a bandeira. A bandeira dos Três Reis é composta por cinco cores: azul, vermelho, amarelo, branco e verde. O azul, que ocupa a maior porção da bandeira, representa o manto que Nossa Senhora ofereceu aos magos, retribuição aos presentes que os mesmos levaram ao Menino Jesus. O vermelho representa o Divino Espírito Santo. As outras três cores fazem alusão às cores dos três presentes recebidos pelo menino Jesus: o amarelo do ouro, o branco da resina e o verde das folhas com as quais se faz a mirra, e todos os foliões conhecem estes significados.<sup>30</sup> A bandeira traz centro uma imagem dos três Reis Magos, gasta pelos anos e rica em tradição: a imagem foi doada por um dos fundadores deste cortejo que há mais de um século percorre os pequenos casebres de pau a pique onde vivem as pessoas da comunidade entoando cantigas que assinalam a devoção ao Menino Jesus.

Percebe-se a relação de proximidade entre o devoto e o santo por meio da fé que cada folião manifesta ao santo homenageado. Quando a bandeira chega às casas já existe um altar preparado para recebê-la. Os giros acontecem durante a noite lembrando a peregrinação dos santos em busca de Jesus. Outro símbolo importante é a estrela de Belém ou Dalva, que além de estar pintada na bandeira, é lembrada em quase todos os cânticos, de autoria desconhecida, a exemplo do refrão a seguir: “Oh! que hora tão bonita que a estrela apareceu, clariou lá em Belém onde Jesus nasceu”.<sup>31</sup>

Tão importante quanto os símbolos já citados está o chefe da folia. Ele é o detentor da memória. É ele quem puxa os cântico e quem comanda os tocadores. É sempre o primeiro a comer.

<sup>29</sup> SIMONI, R.C.S. Memórias Familiares Quilombolas, pesquisa de campo participativa realizada em 1989 durante os festejos de Santos Reis, na Comunidade.

<sup>30</sup> FERREIRA, 2008.

<sup>31</sup> SIMONI, R.C.S. Memórias Familiares Quilombolas, pesquisa de campo participativa realizada em 1989 durante os festejos de Santos Reis, na Comunidade.

As suas ordens são dadas por meio de um apito que também dita os ritmos da folia. Existe a hora de cantar para agradecer, louvar, rezar, comer, dançar a catira e para descansar. Além do chefe da Folia importância também é atribuída às rezadeiras, aos tocadores e às cozinheiras. O ritual da comida é marcado pelas cores e sabores, onde a memória se manifesta ao se preparar os alimentos e ao comer.

E nessa memória festiva que as gerações se encontram, tecendo e ressignificando essa tradição que, mesmo sendo explicitamente ligada ao catolicismo popular, resguarda no seu ritual a maior característica étnica desse grupo: a relação com o espaço onde viveram e vivem seus ancestrais, a relação entre os indivíduos, marcada pela fé nos ancestrais e pelo respeito aos mais velhos. Durante os dias de giro percebe-se a cumplicidade entre os foliões, o cuidado e respeito para com as rezadeiras, e, sobretudo, a fé nos santos homenageados. A cada pouso<sup>32</sup> o ritual se repete e na entrada se canta pedindo licença: “Boa noite morador, abre a porta e acende a luz, pois vos vai receber o mensageiro de Jesus”. Em seguida o dono da casa acolhe a bandeira e se encaminha até ao altar preparado para receber o santo. Nesse momento os foliões cantam agradecendo pela preparação do altar: “Deus vos salve oh casa santa que os reis vai receber, Deus salve o belo altar que vós fizestes pra oferecer”.<sup>33</sup>

Ao som do apito os tocadores se posicionam e seguem outros cânticos. Quanto mais enfeitado o altar mais os cânticos são entoados. A bandeira só é colocada no altar depois de agradecer cada símbolo ali representado, seja uma imagem ou uma flor. A riqueza de detalhes e o esmero com o qual os devotos preparam as casas para receberem a folia evidencia a fé da comunidade no santo homenageado. Durante o dia ainda acontecem a reza do terço, com os benditos cantados em latim, e a dança da catira. Segundo a memória dos mais velhos, tempo atrás se dançava ainda o forró pé de serra, mas a maior diversão eram os desafios, onde um cantador desafiava o outro através dos versos, ritmados com sanfona, viola e pandeiro. Em cada verso uma lembrança do tempo em que todos residiam naquele mesmo espaço, plantavam juntos e colhiam em forma de giratório<sup>34</sup>. Hoje esses momentos são revividos durante a Folia de Reis. Folia esta que se transforma em elemento que agrega os sentimentos de pertença das pessoas entre si, ao espaço e aos seus ancestrais. Os ancestrais são reverenciados por meio do respeito que os foliões possuem pela manutenção dos rituais, das cantigas, da comida e de sua preparação. Dessa forma eles procuram manter viva a tradição e transmiti-la, de geração em geração por mais de um século.

A memória desse grupo aparece assim como elemento da identidade étnica enquanto ressalta características da comunidade negra rural por meio dos costumes do plantio giratório coletivo, que tem por objetivo alimentar os foliões e festeiros durante as comemorações; da doação de animais para o santo; no jeito de cozinhar e nos condimentos utilizados. Todas essas práticas reforçam as tradições e unem as pessoas por meio da devoção aos Santos Reis.

---

<sup>32</sup> Pouso: local onde a bandeira e os foliões passam o dia.

<sup>33</sup> Esse cântico é de domínio público. É cantado em outras folias de Minas Gerais e São Paulo. Autoria desconhecida.

<sup>34</sup> Modo de colheita coletiva.

## Referências

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os Quilombos e as Novas Etnias. In: O'DWEYR, Eliane Cantarino (Org). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- BAIOCCHI, Mary Nazaré. *Kalunga – o povo da terra*. Brasília: Ministério da Justiça/Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1983.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Prece e Benção: espiritualidade religiosa no Brasil*. Editora Santuário, 2009.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore do Brasil*. Rio de Janeiro, 1962.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. 1986. *Antropologia do Brasil – Mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense.
- CHAUÍ, Marilena. *Cidadania Cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- FERREIRA, Antonio Leite. *Giros e pousos, moradores e foliões [manuscrito]: identidade territorial e mobilidade espacial na folia de reis da “comunidade negra rural” de Água Limpa, Faina, Goiás*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Goiás em Abril de 2008.
- FERRETTI, S. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: Edusp, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- KARASH, Mary. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: REIS, João José e GOMES, Flavio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LOPES, Nei. *Bantos, Malês e identidade negra*. São Paulo: Forence Universitária, 1998.
- MARTINIANO, José da Silva. *Quilombos do Brasil central: séculos XVIII e XIX (1719 – 1888): introdução ao estudo da escravidão*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção de Grau de Mestre, 1998.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra – índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- MOURA, Clóvis. Os quilombos na dinâmica social do Brasil. In: MOURA, Clovis. *Rebeliões na Senzala. Quilombos, insurreições, guerrilhas*. São Paulo, Editora Ciências Humanas 1981.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993.

PALACÍN, Luís. *O Século do Ouro em Goiás*. Goiânia: Editora da UCG, 1994.

REZENDE, T.F. *Discurso e identidade etno-cultural na comunidade de Pombal – GO*. Mestrado em Letras. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

SIMONI, R.C.S. *Memórias Familiares Quilombolas*, em entrevista concedida em 1986 a Rosinalda Correa Silva Simoni por sua bisavó Benedita Correa da Silva nascida em 1891 e falecida em 1998 aos 107 anos. (Arquivos pessoais)

SIMONI, R.C.S. *Memórias Familiares Quilombolas*, pesquisa de campo participativa realizada em 1989 durante os festejos de Santos Reis, na Comunidade. (Arquivos pessoais)